



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**CLOÉ DE FONTOURA OSÓRIO**

**(depoimento)**

**2003**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-21

**Entrevistado:** Cloé de Fontoura Osório

**Nascimento:** 07/07/1921

**Local da entrevista:** Residência da entrevistada – Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Karine Dalsin e Leila Carneiro Mattos

**Data da entrevista:** 10/02/2003

**Transcrição:** Karine Dalsin

**Conferência Fidelidade:** Leila Carneiro Mattos

**Copidesque:** Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Johanna Coelho von Mühlen

**Fitas:** (02 fitas) 21/01-A, 21/01-B e 21/02-A

**Total de gravação:** 82 minutos

**Páginas Digitadas:** 33

**Catálogo:** Vera Maria Sperangio Rangel

**Número de registro:** 01059/2005/01

**Nº da fita:** 01059/2005/01 a e b

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

OSÓRIO, Cloé de Fontoura. *Cloé Osório (depoimento, 2003)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2005.

## **Sumário**

Início da prática dos esportes tênis, natação e voleibol; campeonatos Master de Tênis (Terceira Idade); socialização através do esporte; tênis feminino; Federação de Tênis; divulgação na mídia; viagens internacionais para campeonatos amadores; popularização do tênis.

Porto Alegre, 10 de Fevereiro. Entrevista com Cloé de Fontoura Osório, a cargo das pesquisadoras Karine Dalsin e Leila Carneiro Mattos, para o projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

K.D. - Cloé, tu poderia nos falar um pouco sobre a tua história de vida e como tu começou a praticar esporte?

C.O. - Bom o esporte, o primeiro esporte que eu pratiquei sem fins, vamos assim dizer, de campeonato foi natação. Afora as loucuras que meus irmãos inventavam, eram três irmãos e eu: subir morro, descer morro, se atirar do morro numa sanga, enfim várias coisas de guri mesmo, que eu fazia junto com eles. Mas sempre a minha tendência foi o esporte e a maior meta da minha vida era jogar tênis; eu adorava o tênis, mas não tinha dinheiro para comprar as tais das raquetes, as vestimentas, aquelas coisas todas. Quando, aos 19 anos, no dia do meu aniversário meu irmão disse “abre a porta do teu quarto!” Eu abri a porta do quarto tinha desde os tênis, a saíinha, a meíinha, a blusíinha, vestidíinho e tinha saíinha também e chapeuzíinho e uma bolsíinha que não era raqueteira.<sup>1</sup> Na época, era uma bolsíinha, sei lá! Era uma bolsa comum e uma raquete de tênis e uma caixa de bolas, porque naquela época se usava uma caixa de bolas com seis bolas numa caixa de papelão. Então este foi meu início no tênis. A primeira partida que eu joguei de tênis foi com uma prima minha. Jogamos o dia inteiro, quer dizer, juntamos bola o dia inteiro e ficamos imprestáveis para o resto da semana. [riso] Juntamos bola porque, na realidade, nós não jogávamos ainda, a gente atirava uma bola, não sabia nem como, não tinha professor não tinha nada. O meu primeiro professor foi um amigo, lá do tênis! Que me ensinou a jogar tênis a bater bola, então aí eu comecei a bater bola com ele, e depois tive vários professores, entre eles um muito querido, que é o - como é o primeiro nome dele? - Que coisa, me esqueci o nome dele é: Pinto Bustos. Bráulio Pinto Bustos<sup>2</sup>, um chileno. Eu tive outros professores, mas este, principalmente, foi um professor dedicado que ficava com meus filhos no colo para eu poder jogar. Então ele me ensinava o tênis e ficava... E, em compensação, depois que eu casei, que eu fui jogar tênis com 19 anos, mas aí eu jogava...Comecei a jogar no Grêmio Náutico Gaúcho<sup>3</sup>, depois passei a jogar no chamado Clube Excursionista, hoje, Clube do

---

<sup>1</sup> Nome dado à bolsa onde levasse as raquetes.

<sup>2</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>3</sup> Grêmio Náutico Gaúcho, fundado em 1928.

Comércio<sup>4</sup>, onde eu conheci meu marido que jogava tênis. Era médico, mas jogava tênis e nós começamos a jogar tênis, e de lá eu tive outros professores! E assim foi mudando de professor em professor e até hoje tenho um professor que é Maurício Motta<sup>5</sup> e o apelido...

K.D. – Vinculado a qual clube?

C.O. – Agora do Leopoldina Juvenil<sup>6</sup>, por que eu passei do Clube do Comércio depois a jogar pelo Clube Leopoldina Juvenil, onde eu estou a mais de cinquenta anos! E, agora eu dou aula com este Maurício Motta, o Tuca, dou aula uma vez por semana, com ele. E, então eu estou sempre... Agora jogando tênis com gente de muito menos idade do que eu! Mas na época eu ganhei muitos troféus, eu posso mostrar depois para vocês, muitos troféus por que a gente jogava, podia jogar 3<sup>a</sup> classe e se inscrever na 2<sup>a</sup> classe, por exemplo. Então às vezes eu ganhei... Uma ocasião a 3<sup>a</sup> classe e a 2<sup>a</sup> classe e uma vez fui considerada a 1<sup>a</sup> do ranking gaúcho, mas isso já faz muito tempo e agora, com esta idade, eu não consigo jogar tênis dentro da minha idade, aqui no sul eu sou a mais - eu acho que aqui no Brasil talvez - eu seja a mais idosa jogando tênis em competições. Pode ter senhoras mais velhas que eu que jogam brincando, vamos dizer, vão lá jogam uma bolinha e tal, mas competindo em simples, eu jogo simples e duplas, com 81 anos! E não tem. Eu fui jogar em vários locais do mundo aí, dos vários países! E sempre tem que jogar abaixo da minha idade por que nós podemos jogar abaixo da idade, mas a cima da idade que temos a gente não pode jogar. Então eu jogava sempre, quando eu tinha mais de 60 eu jogava com 55; quando eu tinha mais de 65 eu jogava com 60, por que não tinha gente. Agora, por exemplo, está havendo já inscrições até 80 anos, mas só conta ponto quem faz... São oito pessoas para fazer uma chave! Então só começa contar ponto de oito, então não tem, não chega a ter oito pessoas de 80, mulheres. Homem tem até 85, as mulheres não tem e eu acho. O tênis para mim não significa propriamente ganhar uma partida, compreende, ganhar é muito bom, quem é que não gosta de vencer? Se a gente não gostasse de vencer não tinha progresso, não tinha nada, coisa nenhuma! Eu adoro jogar tênis pelo tênis, gosto tanto do tênis que fico vendo essas partidas de tênis que tem na televisão até tarde. E daí por diante eu comecei, depois com meu marido a viajar. Eu me lembro que a primeira

---

<sup>4</sup> Club do Comércio de Porto Alegre, fundado em 07 de junho de 1896.

<sup>5</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>6</sup> Associação Leopoldina Juvenil - Clube Recreio Juvenil, fundado em 1863. Em 1941 funde-se ao Sociedade Leopoldina Porto-Alegre formando a Associação Leopoldina Juvenil.

viagem que eu fui, eu estava grávida do meu filho, de três meses, nós fomos ao Uruguai numa praia chamada Atlântida, e era um intercâmbio, com o Uruguai, do Clube do Comércio com o clube de lá. Eu não podia jogar por que estava grávida, mas eu me levantava bem cedo às 8 da manhã e convidava um senhor que tinha no hotel, um senhor francês, um velhinho para jogar com ele, meu marido dizia assim: Pelo amor de Deus joga, só bate bola com ele, não faz muito exercício [riso] e eu jogava com ele, ele ficava feliz da vida por que me ganhava e, às vezes eu não podia deixar o velho ganhar e eu fazia que ganhava dele e então era muito engraçado aquilo, mas pelo menos me diverti, mas foi a primeira coisa que eu fiz saindo fora do país para jogar tênis. Daí por diante eu comecei a conhecer gente lá no Uruguai e entramos para este clube de veteranos de tênis, então, a gente faz um intercâmbio com o Uruguai, com a Argentina, enfim, com Paraguai com um monte de gente do sul, da América do Sul, a gente faz este intercâmbio de tênis que é muito interessante. Somos muitas e como sempre eu, a mais velha! Mas como eu fui sempre muito metida desde criança, desde os 19 anos, que tinha três numa quadra e eu dizia assim: Posso entrar? Aí eu entrava na quarta e eles diziam: “*Áh entra então!*” Eles diziam! Sabiam que eu não estava jogando nada, mas de uns tempos aí eu fui me desenvolvendo e fui jogando meu tênis. E o tênis para mim é uma vida maravilhosa, é onde eu encontro amigos, é onde eu saio para viajar, às vezes, quase que sozinha e me distrai horripelmente e me dá uma sensação de vida muito boa. E eu viajo assim, não com intenção de ganhar, porque não tenho esta pretensão, mas quando surge alguma coisa, quando eu ganho de alguém um campeonato grande, eu fico muito satisfeita, é evidente! Mas não tenho tantos títulos, eu acho que o título maior que eu tenho é granjear amigos e ter, por exemplo, me expandido desta maneira e conseguido, por exemplo, superar a morte do meu marido, que ele me incentivava muito, tanto para jogar tênis como para estudar também, e continuar estudando, tirando curso com ele, trabalhando com ele. Então, isso aí me granjeou uma qualidade de vida muito boa. Custei a vencer esta parte dolorosa da minha vida, mas eu tive muitas amigas e uma família muito unida, muito boa, que consegui me recuperar e hoje estou com 81 anos aqui, bem feliz e jogando meu tenzinho com saúde. Agora eu fui agraciada com uma saúde muito boa. Mas eu cuido muito dela, eu cuido muito da minha saúde, além de jogar tênis, eu faço musculação, eu faço esteira, eu nado de vez em quando, nado, mas não para competir, eu nado só para me distrair. Eu gosto do estilo livre, nado de costas também um pouco, mas não é grande coisa. Estilo livre eu gosto mais. Então, eu nado que é um bom exercício. E é isso aí.

K.D. – Tu começaste pela natação, não competiste pela natação?

C.O. – Competi uma única vez pelo colégio foi muito interessante por que nessa ocasião eu ainda não nadava bem assim, mas todos achavam que eu nadava que eu tinha que nadar pelo colégio, pelo Instituto de Educação,<sup>7</sup> que foi o primeiro. E aí, então, eu subi nadei. No salto eu levei meia piscina quase, fiquei feliz, mas depois fiquei ali. Eram cinco e eu fiquei em quarto lugar [riso]. Foi um bom começo, mas aí por diante eu vi que eu não tinha, assim vamos dizer, muito pique para a natação e era um esporte muito isolado eu achava, entrar na água, nadar, sair e tal eu gosto mais da competitividade corpo a corpo, vamos dizer assim, uma contra a outra, um jogo de duplas, é muito maior... Achei sempre mais divertido, continuei nadando por que eu gostava de nadar, mas não... Como nadadora não fiz nada.

K.D. – Que idade tu começaste a nadar?

C.O. – Meu pai me jogou na água eu acho que eu tinha uns 3 ou 4 anos [riso], tive que aprender a nadar, aí eu comecei a nadar desde pequena.

K.D. – Quem te incentivou a praticar esportes?

C.O. – Olha, o meu pai gostava de esportes! Mas assim tipo, não outro esporte, só gostava de ver, por exemplo, jogo de futebol e essas coisas todas. Mas ele não jogava, não fazia esporte, mas achava que os filhos tinham que nadar, então, nós morávamos na beira de um rio nos ensinou a nadar “na marra” [riso] botar no... E depois a gente teve um professor e tal; mais tarde se aprendeu a nadar direitinho.

K.D. – Na escola tu tinhas incentivo para...

C.O. – Na escola sim porque na escola eu era *sempre* uma das primeiras nos esportes. Eu joguei até voleibol, mas era pelo meu tamanho: tenho um metro, quase sou um metro e meio! Quase fita métrica: tenho um metro e cinqüenta e dois, então, eu era levantadora, me atirava no chão, fazia qualquer negócio, só não cortava. Dava saque e levantava a bola. Eu

me lembro que numa ocasião foi muito bom, porque nós jogamos voleibol intercolegial, então nós tínhamos... Cada colégio tinha seu, o seu colégio masculino que torcia... Para nós torcia era a escola preparatória de cadetes, hoje é Escola Militar<sup>8</sup>. Para o Americano<sup>9</sup> era o Anchieta<sup>10</sup> e para o Sevigné<sup>11</sup> era o Rosário<sup>12</sup> e tinha um outro colégio que eu não me lembro qual é. E nós ficamos campeãs, então, foi um baile com vestido comprido e tudo com eles uniformizados de gala, foi *maravilhoso*! Então foi isso, voleibol também eu jogava.

K.D. - Tem idéia que ano foi isso mais ou menos?

C.O. – Tenho, espera um pouquinho, deixa eu me lembrar. Eu me formei no colégio, no Instituto de Educação, a em 1940, mais ou menos, era aí uns dois anos antes, coisa assim 1938 por aí.

K.D. – Como era a educação física escolar naquela época?

C.O. – Muito boa, *era uma coisa muito boa mesmo* nós tínhamos uma professora excelente de Educação Física, que o apelido dela era Dona Mariazinha<sup>13</sup>, por que ela era baixinha mas era muito incentivadora e a gente fazia ginástica, aquelas ginásticas com bastão, com coisa, tinha aquelas rodas que a gente entrava dentro, compreende? Uma subia por cima e uma dentro, como é que se chama aquilo hoje em dia? Mas era... E nos incentivava muito no voleibol, então eu achava excelente, não tinha natação naquela época. Nossa escola não tinha piscina, não tinha natação, não sei hoje em dia... Acho que também não tem. Nas escolas é muito raro, não tem piscina.

K.D – Dificilmente.

C.O. – Dificilmente, é uma pena.

---

<sup>7</sup> Instituto de Educação Flores da Cunha.

<sup>8</sup> Colégio Militar de Porto Alegre.

<sup>9</sup> Colégio Americano.

<sup>10</sup> Colégio Anchieta.

<sup>11</sup> Colégio Sevigné.

<sup>12</sup> Colégio Rosário.

<sup>13</sup> Nome sujeito à confirmação.

K.D. – Vocês faziam Educação Física separados, os meninos e as meninas?

C.O. – Não, todo mundo junto. Mas quando era, por exemplo, voleibol a gente jogava contra as meninas, raramente... Porque lá no Instituto de Educação, como era uma escola formada para formar professor e professoras, na época era muito raro ter homens. Então nós tínhamos uns dois ou três homens lá e não eram...

K.D. – Aí as tuas primeiras competições foram pelo tênis?

C.O. – Foram pelo tênis.

K.D. – Lembra das primeiras?

C.O. – Olha, eu vou te dizer uma coisa, eu comecei a jogar em competição, podemos olhar ali nas taças as datas porque - depois eu mostro para vocês - quando eu comecei a jogar no Clube do Comércio, já comecei a jogar tênis, competindo. Então, se eu comecei com 19 anos, eu acho que foi... Não vou te dizer quando: tinha uns 22, 23 anos por aí que eu comecei a jogar competindo. Porque jovem eu não tinha raquete, não podia jogar. Mas depois que eu ganhei a raquete, aí foi para frente. Depois eu conheci meu marido que jogava tênis e aí ele me deu, eu tinha já minha raquete, mas ele achava muito pesada e me deu uma de presente; nós começamos a jogar juntos, jogávamos de parceria, sempre juntos e nunca brigamos. Jogando dupla nunca brigamos o que é raro, normalmente marido e mulher não jogam tênis juntos, eles jogam separados porque brigam na quadra [riso]. Então eu jogava com meu marido e ganhamos vários campeonatos, vice-campeonatos e eu gostava muito de jogar simples também, esta ocasião que eu te disse, que eu ganhei campeonato de terceira, depois ganhei de segunda no mesmo ano! E assim...

K.D. – Teve alguma dificuldade além da dificuldade que tu tiveste em conseguir o material para começar...

C.O. – Sim.

K.D. - Jogar tênis, teve alguma outra dificuldade?

C.O. – Para jogar?

K.D. – É.

C.O. – Não, não. Para ir jogar não, porque nós jogávamos no Clube do Comércio que o meu irmão era sócio e me levava. Como irmã, me levava para lá e nós jogávamos, ele jogava tênis também e joga até hoje, tem 83 anos. E ele me levava para jogar tênis, compreende? Então, na época, mesmo eu tendo já mais idade era feio ir jogar tênis sozinha! Eu ia com ele, jogávamos juntos, mas eu tinha dificuldade em me adaptar ao tamanho da raquete. Porque a gente jogava ping-pong em casa com os meninos! Jogava ping-pong, que era uma raquetezinha pequeninha, mas até me habituar com o tamanho da raquete, fazer todos aqueles movimentos que a gente tinha que fazer, preparação aquela coisa toda, aquilo tudo foi preciso professor para me botar na linha. E tive meu irmão que batia comigo, tive aquele meu amigo que foi meu primeiro professor, depois tive o meu marido! Tive uma amiga chamada Suzana Azambuja<sup>14</sup>, que mora neste edifício e que até hoje ela joga tênis, e que depois começou a dar aulas de tênis, ela foi excelente como professora de tênis para mim. Eu me recordo disso - ela hoje em dia não leciona mais - mas ela é jovem ainda, para mim é jovem demais. Ela tem, acho que ela não tem nem 60 anos ainda, mas é uma senhora jovem. E joga muito bem. Então ela me deu... Tanto é que ela me ensinou, eu dava umas bolas curtas, chamadas deixadinhas, ou então “*dropshort*”, que é o nome. E até hoje eu sou conhecida pelas bolinhas curtas que eu dou nas outras. Então quando tem uma pessoa que não corre muito do outro lado, vale bastante! Eu dou a curta, ela vem e eu dou uma bola por cima, chamada “*lob*”. Então eu dou um “*lob*” por cima dela e ganho o ponto, então essa... Quando elas: “Lá vem a Cloé com as bolas curtas dela!”. Tem uma que não joga comigo, apesar de jogar bem, mas fica irritada, então não joga e eu digo: “Bom, se eu não posso dar minha bolas curtas, tu não podes dar a tua forte de direita! Porque aí então não tem graça só tu pode fazer a tua bola boa e eu não?” [riso]. Não é que eu de todas curtas, mas dou na hora certa, quando precisa.

K.D. – E quem te influenciou a escolher especificamente o tênis e gostar tanto assim do tênis, tu crês que foi teu irmão?

C.O. – O meu irmão me ajudou, mas o que me incentivou foi ver, na época, que eu jogava tênis aquelas Margareth Lauson<sup>15</sup>, depois a Billy Gianking<sup>16</sup> e depois a... Bom, essas todas, as antigas, a Chris Evert<sup>17</sup>. Eu achava maravilhoso aquilo tudo! Então foi me incentivando bastante inclusive os homens também, que tem o Bjorn Borg<sup>18</sup>, o Jim Collins<sup>19</sup> na época, começaram a aparecer aquela gente toda antiga e eu via e tinha um primo do meu marido, que jogava tênis, ele jogava, ele jogou até pela Copa Davis<sup>20</sup> que é o Álvaro Osório.<sup>21</sup> Que fez até um livro de tênis, então, também através dele, dessa convivência com gente que jogava tênis eu... Depois eu fui jogar em Pelotas<sup>22</sup> e tudo. Era sensação por que quem é que ia jogar sozinho? Eu ia jogar em Pelotas, me lembro que uma vez eu fui jogar em Pelotas e tinha uma senhora chamada Mison<sup>23</sup>, não me lembro mais o sobre nome dela mesmo, que era a maioral lá, jogava muito então eu ia jogar contra ela e encheu de gente para ver por que achavam que eu ia levar, mas com as tais bolinhas curtas eu ganhei dela. [riso]

K.D. – Como era tua rotina de treinos?

C.O. – Ah, eu jogava se possível, por exemplo... Mas eu não deixei, eu era professora primária quando eu comecei a jogar o tênis mesmo. Eu tinha recém saído do Instituto de Educação. Então toda vez que eu podia ir ao clube jogar eu ia jogar, eu jogava no mínimo umas três vezes por semana, que eu continuo fazendo: três vezes por semana e sábado e domingo jogo de noite também; às vezes fazemos um grupinho para jogar de noite e entre uma aula de tênis, musculação e essa... O tênis, diversão que eu chamo... Nós temos ranking de tênis que não é por idade, mas sim por, vamos dizer, técnica; não é por idade, você tem... Eu jogo com jovens, se eu ganhar delas passo adiante senão... Tem um ranking lá de “A”, sei lá, “G,” “H,” sei lá o quê.

---

<sup>14</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>15</sup> Margaret Lawson

<sup>16</sup> O nome correto é Billie-Jean King, importante tenista na década de 60.

<sup>17</sup> Chris Evert, tenista dominante durante as décadas de 70 e 80.

<sup>18</sup> Bjorn Rune Borg, tenista sueco

<sup>19</sup> Provavelmente referindo-se à Jimmy Connors, importante tenista das décadas de 70 e 80.

<sup>20</sup> Tradicional campeonato internacional de tênis.

<sup>21</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>22</sup> Cidade do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>23</sup> Nome sujeito à confirmação.

K.D. - Qual era a base do treinamento? O jogo mesmo ou o treinamento físico separado técnico, tático...

C.O. - O treinamento físico, quando eu comecei a jogar tênis não existia; não existia esse treinamento físico para fazer. A gente entrava de soco na quadra e pronto, entrava logo e começava a jogar e a gente ficava louca para jogar e não perder a quadra! Por que a gente queria jogar; então, entrava na quadra, não tinha... Hoje em dia não! Tu não entras na quadra sem fazer um alongamento preparatório e, principalmente, um alongamento depois do jogo. Porque já sendo bioquímica formada eu já sei que há necessidade da gente fazer estes alongamentos depois do...

K.D. – O tênis teve alguma influência na tua vida social, amigos...

C.O. – Mas se teve! Eu fiz agora o meu aniversário... Eu tenho amigos assim, que se eu estou em dificuldade e elas sabem que eu estou em dificuldade, chove amigos; amigos e amigas eu tenho em quantidade. Quando eu fiz 80 anos, eu fiz a festa da família separada das minhas amigas do tênis eu convidei cento e cinquenta pessoas e não convidei todas as que devia, porque, por esquecimento, ou por que minhas netas não convidaram e se esqueceram, mas cento e cinquenta pessoas estavam lá. Nós fizemos um campeonato de tênis com o meu nome. Eu não sei se está aqui a minha - tiraram daqui - é um troféu que eu tenho, tenho lá dentro, deve estar lá na outra, o outro troféu. Aqui tem os 25 anos do clube de veteranos de tênis. E esse aqui foi uma amiga minha chamada Fátima Krue<sup>24</sup> que no dia que eu fiz 80 anos me deu de presente este troféu.

K.D. – Muito bonito!

C.O. – Pois é, mais bonito é o que está escrito: “Campeã da vida e da alegria”. Pois é, mas eu tenho meus troféus que eu mesmo mando fazer: eu fiz do 70 anos e fiz do 80. Então nós fizemos um campeonato por equipe antes da festa e o clube me cedeu o salão lá, para fazer a festinha. E nós fizemos no restaurante do clube: restaurante da piscina, como nós chamamos no Juvenil e sempre depois tem um *show*. Então neste *shows* dos meu aniversários... Teve um que eu participei, até a chula dancei [riso]. E no dos 80 eu não

sabia o que era, veio gente do Uruguai também, minhas amigas do Uruguai vieram também e eu não sabia o que iria ser o tal do *show*; me esconderam, e foi toda a minha família. *Foi toda a minha família fazer o show!* Foi muito interessante porque cada uma deu seu depoimento! Inclusive a minha sobrinha, que foi minha... Que levou as alianças no meu casamento, na época, e hoje tem netos. E ela foi vestida de... Como foi no meu casamento, assim, de branco, coroinha e tudo, e as minhas netas também foram, então elas fazem muita troça que quando eu viajo eu compro presentes regionais! Eu fui para a África, comprei presentes da África. Fui na Austrália, comprei presentes da Austrália. Aí elas pedem pelo amor de Deus que eu não traga aquelas coisas que eu não uso. Eu trouxe uma camiseta com cinco animais da África e elas já estão moças, não usam, não botam, só botam para dormir. Então elas fizeram um troço disto, então vieram as duas carregadas com as minhas coisas, e dizendo assim: “Não despacha a minha raquete!” Tudo que eu digo para elas: “Não despacha a minha raquete! Eu levo as raquetes na mão!” Então fizeram, cada uma fez uma parte, por que assim foi feito o *show* do Jô<sup>25</sup>, aquele que ele faz, que ele faz chamando as entrevistadas! Pois então foi a Vavá da Viaga,<sup>26</sup> que se fez de Jô Soares e chamava uma por uma da minha família: as minhas ex- noras, tenho duas ex- noras, uma faz meu imposto de renda, a outra é minha dentista e eu me dou com toda família, com todo mundo e por último eu notava que tinha homens lá na festa! Maridos das minhas amigas, e por que meu filho não tinha ido. Eu digo: “a por quê o Carlos<sup>27</sup> não veio?” “Está atrapalhado lá com o computador, não pode, está fazendo não sei o que é negócio da tese, da dissertação de mestrado que ele vai ter que fazer, sabe como é!” Eu fiquei meio chateada, ele veio por último vestido de gurizinho, por que o apelido dele era gurizinho, meu marido dizia: Cuida do gurizinho! Dizia ele, então todo mundo agora chama ele de gurizinho, mas ele era... Hoje em dia ele está dezessete quilos mais magro do que quando eu fiz 80 anos; era enorme, sentou-se no meu colo, compreende? E contou coisas da infância para elas, foi muito engraçado. Então foi uma surpresa muito boa e agora eu vou fazer 82 anos e já estou planejando quem sabe fazer um outro campeonatinho que agora eu acho que tem que ser de ano em ano, não posso esperar tanto [riso].

K.D. – Quantos filhos tu tiveste?

---

<sup>24</sup> Atleta da SOGIPA

<sup>25</sup> Apresentador de televisão Jô Soares

<sup>26</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>27</sup> Nome sujeito a confirmação

C.O. – Dois filhos, todos os dois jogam tênis e bem, só que não gostam de campeonato, o Carlos que é o gurizinho, joga *padlle*; gosta de jogar *padlle* e futebol com os amigos. A minha filha joga bem tênis, mas não gosta de campeonato, de se inscrever em campeonato, mas gosta destes campeonatos por equipe ela gosta muito, ela entra, e a minha neta já... Todos foram criados na beira das quadras! E a minha neta joga bem tênis, mas também não se anima a jogar, não treina o suficiente para jogar. E agora o namorado dela que é quase noivo, jogava um pouco de tênis e agora está jogando com ela. Quer dizer, só tenho uma neta que não dá muito para o tênis.

K.D. – Eles iam junto contigo quando...

C.O. – Ah, quando eram pequenos iam e até hoje quando eu vou jogar. E a mãe delas eu que ensinei a jogar e hoje em dia me ganha. E dá risada por que me ganha; de vez em quando eu ganho dela, mas ela agora já, me ganha. Por que eu sempre ensinei muita gente a jogar tênis daí por diante. Incentivei vamos assim dizer, não propriamente ensinei, jogava, batia bola, mas eu incentivei muita gente a jogar tênis, muita gente.

K.D. – Na época que tu começaste tinha bastante mulheres que jogavam tênis?

C.O. – Não muitas, não tinham muitas mulheres; tinham muitos homens, mas mulheres não tinham muitas. Daí por diante surgiram bastante, aqui em Porto Alegre<sup>28</sup> tem muita mulher que joga. Onde tem pouca competidora de tênis por incrível que pareça é o Rio de Janeiro<sup>29</sup>. Tem gente que joga muito bem tênis, mas não tem competidoras de tênis assim muito poucas. São Paulo<sup>30</sup> sim: São Paulo tem um grupo muito grande de tênis, Santa Catarina<sup>31</sup> também tem, mas aqui em Porto Alegre tem muita gente que joga, mas assim, campeonatos no exterior são poucas as que vão. Uma por que a gente paga é amador e é tudo tão caro e a gente tem que pagar, então, a gente perde de levar boas tenistas por que não podem pagar e é caro.

---

<sup>28</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>29</sup> Cidade Brasileira

<sup>30</sup> Cidade Brasileira

<sup>31</sup> Estado Brasileiro

K.D. – Na tua opinião por que tinham poucas mulheres que jogavam tênis quando tu começaste?

C.O. – Como tudo que acontece é que as mulheres vêm vindo! Agora já estão tomando conta de muita coisa, mas na época eu acho que era a mesma coisa. Era um esporte que você tinha que ter companhia, na minha época e antes da minha época tinha que ter uma companhia para levá-las ao clube, trazê-las, a coisa era mais complicada, não era assim, sair pegar e jogar tênis. Eu, por exemplo, ia jogar tênis - imagine você eu tinha 19 anos - mas a mãe queria que eu fosse com o meu irmão. Ou uma prima, uma parente uma coisa assim.

K.D. - A tua mãe gostava que tu jogasses?

C.O. – A mamãe era poetisa, pintora, mas gostava que eu jogava, ela ficava entusiasmada que eu jogasse, mas não, mas não jogava nada. Ela era, quando ela era jovem, ela patinava bem, diz que patinava muito bem, quando jovem.

K.D. – E a estruturação de Federação Gaúcha de Tênis<sup>32</sup>?

C.O. – Não me fala nisso que é um problema muito sério, nós estamos com um problema muito sério com a Federação Gaúcha de Tênis. Infelizmente a Federação Gaúcha de Tênis, atualmente, ela... Por exemplo, eu acho que até eu nem posso deixar gravado isso agora. Está num problema muito sério essa Federação Gaúcha de Tênis, os tenistas de uma maneira geral querem ver se muda a direção do tênis. Por que está um problema bem sério.

K.D. – Mas no início, na estruturação?

C.O. – Não, no início era boa, meu marido<sup>33</sup> inclusive foi da Federação Gaúcha de Tênis por um tempo! E ele era até diretor de tênis, depois foi do Clube do Comércio, diretor de tênis, e era muito, antes dele também tiveram Presidentes...

---

<sup>32</sup> Federação Rio-Grandense de Tennis - FRGT, fundada em 09 de abril de 1929.

## [FINAL DA FITA 21/01-A]

C.O. – Uma pessoa que fosse... Que a Federação tivesse que se dedicar a mim ou a pessoa da minha idade, por que deveriam de incentivar os pequenos, desde os pequenos. Eu me lembro que na época deste Álvaro Osório que era primo irmão do meu marido, jogou a Copa Davis, o Ernesto Petersen<sup>34</sup>, ele fez um *baby* tênis, na época, até escreveu também livros sobre isso para incentivar o tênis para crianças. Então naquela época já começou assim e depois começaram já a se preocupar mais com as crianças. A Federação de hoje leva muitas crianças para jogar tênis no interior. Mas, na realidade, o que acontece com o tênis infantil é que, os pais é quem tem que bancar muito as crianças por que os clubes não tem, vamos dizer assim, dinheiro suficiente para bancar as pessoas. Eles dão alguma coisa, mas não podem dar muito. Os clubes contam com... A principal arrecadação de um clube são as mensalidades que se pagam e os eventos que o clube promove, lá dentro do clube, pelo menos no Leopoldina Juvenil; eventos que promovem no clube que dão bastante dinheiro! E tem no clube, nós temos muitos tenistas agora que estão crescendo, tem um rapaz chamado - parece que é Carlos de Lima<sup>35</sup>, que já vai entrar para os profissionais, então, têm alguns nossos que já estão entrando nos profissionais.

K.D. – Tu já recebeste algum incentivo financeiro para jogar tênis?

C.O. – Nunca, nunca! Nunca! Nunca! Nós, quando vamos nestes campeonatos de tênis dos veteranos, Clube de Veteranos de Tênis<sup>36</sup>, que foi fundado pela Yone Borba Dias<sup>37</sup>, e mais uma turma e eu fui uma das primeiras a fazer parte também junto... Não foi fundadora oficial, mas foi das primeiras que jogaram tênis. Quando a gente vai o clube, como a gente paga uma anuidade, que é ridícula sessenta. Setenta reais por ano, o clube dá para cada uma vinte dólares de ajuda de custo, para a gente ir até o Uruguai jogar um tênis amistoso! Então se joga. Agora tem até campeonato sul-americano de clubes veteranos de tênis, que são muito interessantes. Hoje em dia nós temos este Clube de Veteranos de Tênis que é

---

<sup>33</sup> Joaquim Osório.

<sup>34</sup> Atleta gaúcho

<sup>35</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>36</sup> Clube de Veteranas, uma instituição que congrega 200 tenistas no Brasil e que com frequência se confraterniza em diferentes países do continente sul-americano.

<sup>37</sup> Idealizadora do Seniors Internacional de Porto Alegre, um dos mais tradicionais torneios desta categoria no mundo inteiro.

uma grande coisa, somos muitas e jogamos em muitos lugares. Agora eu sozinha, que fui me libertando... A primeira vez que eu fui jogar tênis e não fiz parte de equipe, mas fui jogar e tinha campeonato individual foi em 1972, que eu fui com o meu irmão, a minha cunhada, que joga muito bem tênis. Toda a família joga tênis: ele, a mulher, os filhos, os netos, todo mundo. È um monte, e então nós fomos jogar tênis, a minha cunhada, a Yone Borba Dias e uma de São Paulo, a Ingrid Mestlei<sup>38</sup>; elas faziam parte da Copa Young<sup>39</sup>, chamada *Young* justamente para fazer, vamos dizer assim, por que era de veteranos, para fazer uma [palavra inaudível] assim entre *young* e veteranos! Eles botaram *Young*, era a copa *young* e mas eu não fazia parte da equipe mas tinha um campeonato paralelo para aquelas que jogavam tênis e não faziam parte da equipe; então eu joguei esse campeonato e não fui classificada e eu já estava ainda muito abalada com a morte do meu marido. Eu joguei tênis, era muito interessante, joguei num lugar muito bonito que era na Áustria; foi na Áustria, nas montanhas. Então a gente via aquelas montanhas todas cobertas de neve e aqui embaixo a gente andava de manga cavada, era muito interessante jogamos....Comecei a jogar assim, comecei a sair... Mas antes, com o meu marido, nós fomos jogar um campeonato Clube do Comércio contra o Carrasco<sup>40</sup> lá no tênis do Uruguai num campeonato de Interclubes; o campeonato Interclubes, campeonato amistoso também então comecei a jogar lá no Uruguai que eu tenho amigas mais de vinte, trinta anos. E depois, eu me saí para jogar os campeonatos internacionais, mundiais. Joguei vários mundiais, poderia chegar ali com vocês porque ali eu tenho a... Às vezes eu me esqueço das coisas! Aquelas fotos lá em cima, aquelas taças lá em cima e eu e o meu marido, foi na época em que eu jogava com ele e as primeiras tacinhas - davam essas tacinhas para a gente - de tanto lavarem aqui até já perdeu a prata, [risos] algumas perderam a prata então eu e ele, nós jogávamos juntos e aqui foi que a Zero Hora<sup>41</sup> me entrevistou e botou o vigor depois dos 70 e as minhas colegas agora mandaram fazer uma assim e escreveram... Depois dos 80 eu tenho guardado aqui, tem onde eu vou sempre, tem a inscrição... Eu comecei a jogar o meu campeonato fora em 2001, aqui 2000, esse aqui 1999, esse foi nos Estados Unidos, eu joguei em Palm Beach, Campeonato Mundial. Esse outro aqui também em 2000, nós jogamos, mas aqui não diz que foi da ITF<sup>42</sup>. O campeonato aqui é brasileiro,

---

<sup>38</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>39</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>40</sup> Carrasco Lawn Tennis, de Montevideú/Uruguai.

<sup>41</sup> Jornal Zero Hora

<sup>42</sup> Federação Internacional de Tênis (International Tennis Federation).

esse aqui é mundial e esse aqui também é... Esse é que foi dos Estados Unidos, esse outro aqui, se não me engano foi em Barcelona<sup>43</sup>, e eu tenho mais outros que eu não sei onde é que eu botei, eu vou dizer que eu joguei assim... Eu joguei campeonatos internacionais, eu joguei em muitos lugares, eu joguei aqui em Porto Alegre o Vip Internacional, em Punta del Leste<sup>44</sup>, eu sempre vou tem todos os anos. Joguei em Blumenau<sup>45</sup> o brasileiro; brasileiro também eu jogo, vou fazer a maior confusão para vocês aí. E também joguei dois mundiais: o primeiro internacional - interessante que eu joguei foi na Hungria esse eu fiquei vice-campeã de mista com um húngaro - foi um campeonato muito interessante muito lindo, eu joguei na Hungria num lugar que se escreve Keatliy, mas se diz Keastily. Eu joguei lá um campeonato, fui com uma amiga minha e joguei esse campeonato lá na Hungria e fui bem na simples não, mas dupla; fiquei vice-campeã, e num campeonato que foi uma festa num palácio, uma coisa muito linda. Depois eu joguei um outro campeonato em... Na volta joguei em Intersates<sup>46</sup>, fiquei em terceiro lugar em simples isso na Áustria. E depois eu joguei campeonatos mundiais: o primeiro mundial que eu joguei foi nos Estados Unidos depois foi em Barcelona, na Espanha. Depois eu joguei na África do Sul e depois eu joguei na Austrália, esse ano que passou eu tinha na Áustria, mas estava muito caro, era no mesmo lugar que eu já tinha jogado uma vez e eu preferi mudar para dois brasileiros que eu joguei um em Angra dos Reis e outro em Porto Seguro<sup>47</sup>.

K.D. - Quem arca com os custos?

C.O. - Custos, todos os custos. Eu digo sempre assim: a minha poupança é intocável, ela só serve para eu... Quando eu não posso pagar, lançar mão dela para ir jogar... Tenho os meus troféus aqui; um troféu que eu posso dizer que fosse um dos mais significativos, um dos mais significativos foi esse aqui. Eu ganhei essa carreta, pesa oito quilos, essa carreta eu ganhei lá no Uruguai, mas não foi porque eu ganhei campeonato aqui diz *“Ao melhor exemplo de superação feminina”*. Sabe porque que eu acho que eles me deram esse título? Pelo seguinte: só tinha um para homem e um para mulher; me deram esse troféu porque eu me escrevia, eu sempre me escrevo assim: quando vem alguma coisa da Federação eu digo

---

<sup>43</sup> Cidade na Espanha

<sup>44</sup> Cidade no Uruguai

<sup>45</sup> Cidade Brasileira

<sup>46</sup> Nome sujeito à confirmação

<sup>47</sup> Cidades Brasileiras

a idade que tenho, mas me botem em qualquer idade, a mais próxima da minha idade para baixo. Então eu jogo qualquer coisa: sessenta anos, sessenta e cinco, cinqüenta e cinco, qualquer coisa para preencher a vaga. Falta vaga para cinqüenta e cinco, eles chegam para mim e perguntam: “Tu não vais jogar?” E jogo para fazer ponto, eu sou a escadinha não me importo eu acho bom. Então talvez por esse motivo, e por ser muito amiga deles, e sou alegre eu acho... Eu tenho uma memória disso aqui que é muito interessante: a minha mãe - isso aqui foi ganho agora, foi ganho em 1997... Estou eu aqui com o troféu e isso aqui eu tirei quando eu fui com os meus filhos e a minha mãe... Eu já jogava tênis porque eu joguei tênis antes de casar, mas nunca pensei que alguma vez na vida eu fosse ter um troféu dessa carreta que está lá no Uruguai numa praça do Uruguai e hoje em dia eu tenho ela na minha mesa. E aqui eu tirei depois com a carreta, mas infelizmente não saiu muito bem, não saiu tão nítida como essa - e eu com o troféu, um dos troféus que para mim é significativo<sup>48</sup>. E outro troféu que eu tenho muito significativo, é o das amigas minhas do tênis que me deram - eu não sei onde é que eu botei porque a empregada limpa e bota coisa em seu lugar, eu não sei onde está, mas elas me deram um troféu. Não por ganhar, sem ser por nada é, só por companheirismo, vamos assim dizer. E aqui eu tenho os troféus todos que eu ganhei. Ando também de de *jet ski*, quando dá [risos] e aqui tenho as minhas amigas do tênis e o destaque desse aqui foi quando eu fiz 70 anos. Agora já o dinheiro não era tão grande e mandei fazer um menorzinho, isso aqui foi a, Helena Satamini<sup>49</sup> que fez. Esse aqui também foi ela, é uma escultora então está aqui o de 80 anos que está o “C” de Osório, 80 é a bolinha e aqui parece o “S” Cloé Osório, foi uma invenção da escultora. Mas esse aqui naturalmente está muito mais bonito, foi o 70 anos. E aqui sou eu na Austrália, fui ver os coalas lá. Eu tenho quantidades de fotos tiradas nos lugares onde eu ando. Aqui eu fui campeã do Walhala<sup>50</sup>; fui vice-campeã várias vezes do Walhala em duplas. Aqui também por equipes duplas mistas, tem várias coisas que eu fui campeã, mas a maioria, como eu digo, eu sou uma ótima vice-campeã, eu quase sempre estou tirando vice [risos]. O campeonato mesmo eu não ganho, tem essas taças todas aqui e lá em cima também tem alguns troféus; lá por cima tem uma raquete, por ali tem aqui tem outras, bom, então é isso aí. Essa é uma foto interessante que a Zero Hora que tirou: eu aqui na

<sup>48</sup> Referência a uma fotografia onde aparece com a mãe e os filhos na carreta que é reproduzida no troféu.

<sup>49</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>50</sup> Torneio de tênis para adultos, organizado pela Associação Leopoldina Juvenil.

mesma ocasião mais a Raquel Martins<sup>51</sup>, que é a que se aproxima mais da minha idade. Está aqui tem um ano menos que eu, ela é surda completamente e agora foi campeã do Rio Grande do Sul e por muitos anos campeã brasileira com Thomaz Koch<sup>52</sup> de dupla mista, e essas duas são jovens para mim [risos], nos estávamos jogando e eles tiraram essa foto aí.

K.D. - Ao longo de toda a tua carreira, como foram os uniformes que tu usaste para jogar?

C.O. - É muito engraçado: primeiro vestidinho, ali tu podes ver. Vestidinho, tudo era vestidinho, saia e blusinha custou um pouco e era tudo meio bordadinho. Eu não era muito dos bordadinhos, mas tinha aqueles bordadinhos, tinha gente que fazia os bordados, vestidos e coisas mais eu não era muito... Era mais simples de bordados, mas normalmente era assim. Depois agora está tão diminuto que eu vou te dizer, elas estão jogando só com o *bustier* e botam um calçãozinho, um shortzinho, uma sainha bem curtinha. Eu também jogo mais de *bustier*, eu tenho seios muito grandes, não me animei.

K.D. - Modificou o comprimento da saia?

C.O. - O comprimento da saia modificou. Eu já naquela época, eu gostava da saia mais curta, não era tão comprida a saia, mas antigamente era muito comprida! Era uma saia que vinha até aqui em baixo usavam muito comprida.

K.D. - Isso em que idade?

C.O. - Isso foi num campeonato em que nós fomos campeãs em dupla por equipe na Bolívia e eu fazia parte do campeonato que tem um monte de medalhas e coisas...

K.D. - Quando a saia era comprida tu já jogavas?

C.O. - Com saia comprida?

K.D. - É?

---

<sup>51</sup> Tenista mineira, da cidade de Uberaba.

<sup>52</sup> Primeiro tenista brasileiro a figurar entre os melhores do mundo no tênis.

C.O. - Não! Compridona não jogava, eu tinha uma saia calça... Mas era muito engraçado tu conheces saia calça? Parece uma calça, mas tu olhas e parece uma saia, mas é uma calça, vinha até aqui. Eu detestava e a mamãe fazia eu botar isso, eu com 19 anos. A mamãe fazia eu botar porque achava mais decente porque era mais comprida, então eu usava aquela tal de saia calça que eu detestava aquilo; tu abrias, te dava flexibilidade, para jogar não havia dúvida, mas quando tu ficavas assim era muito comprida. Aqui já o meu marido já era mais moderninho não gostava da tal saia calça.

K.D. - O teu marido te incentivava bastante?

C.O. - Muito! Muito! Incentivava muito, tanto é que quando eu estava fazendo a minha dissertação de mestrado todo mundo ia para o Uruguai, nesse campeonato por equipe e eu não ia porque eu tinha que estudar, eu tinha que defender a minha dissertação. Mas tinha que fazer um trabalho de conclusão de curso na frente de cinco professores e era muito difícil e eu estava estudando e nervosa, estava assim atucanada com aquilo e ele disse assim para mim: “Tuas amigas não vão para o Uruguai?”. Eu digo: “Vão!” E ele disse: “Tu também”. E fechou todos os livros, empilhou de um lado da mesa. Eu disse: “O que é isso? Faltam poucos dias, menos de uma semana, está faltando para...” E ele disse: “Tu já sabes, tu vais e não leva um livro, nada. Pode levar um livro para ler, um romance, uma coisa assim; mas não leva um livro”. E eu fui e nem sabia como é que eu ia... Que horror enfrentar cinco numa banca, eles sorteavam, mandavam estudar vinte pontos e sorteavam dois. E então tu tinhas que saber aqueles dois pontos e eles não eram trouxas... “Vai embora, vai descansar!” Me incentivava muito, sempre me incentivou, quando ele não quis mais jogar por que ele muito dedicado a pesquisa, então ele fazia muita pesquisa, não quis... Inclusive me incentivou muito na pesquisa, na parte da fisiologia! E então ele... Aí ele desistiu de jogar muito, mas me incentiva para que fosse para o tênis; eu ia, às vezes eu ia, mas depois eu sentia muito a falta dele. È, então sempre me incentivou tanto no estudo. Quando disse para ele: “Estou cansada de ficar em casa com as crianças, tu no colégio e eu aqui em casa fazendo o quê?” Aí eu disse: “Eu quero estudar de novo” e ele disse: “Mas o que tu queres fazer?” “Eu quero estudar para te ajudar na faculdade, trabalhar contigo”. Ele disse: “Bom, então estuda bioquímica por que vai faltar professor”. Ia ser inaugurada a Faculdade de Ciências, antigamente a Católica e ele disse: “Vai fazer muita falta.” E eu então fui tirar um cursinho, eu já tinha curso de línguas neolatinas, já tinha até licenciatura

plena e tudo, mas não dava para fazer um vestibular de ciências exatas porque que não sabia física e química para superar um vestibular desse! Mas daí eu fiz na UFRGS<sup>53</sup>, passei por incentivo dele também, passei tirei o curso todo e fui trabalhar com ele, só que ele não me botou na fisiologia, eu fui para a bioquímica. Eu queria ir para a fisiologia, fui para a bioquímica, fiquei lá na bioquímica. Dei vinte anos, enquanto isso estudei para o mestrado, fiz o mestrado e depois passei dez anos lecionando no mestrado e jogando tênis, nunca deixei mais o tênis. O tênis sempre fez parte da minha vida desde os 19 anos que ganhei a raquetinha até hoje estou com ela mão.

K.D. – Na questão da tua escolha profissional o tênis teve alguma influência, o esporte em si?

C.O. – Não, na escolha profissional não, mas depois que eu estudei fisiologia, bioquímica eu vi a quando faz falta a gente conhecer as coisas para se conservar em boa saúde. Então o que realmente me ajudou muito foi no tênis, foi nas profissões que eu exerci! Me ajudou muito porque aí eu vi a... Como a gente deve se alimentar, o que é uma cadeia respiratória, de que a gente precisa fazer para se manter em boa saúde, então, quer dizer, me ajudou muito. E até hoje eu tenho livros que eu estudo, eu adoro estudar. Hoje em dia eu não... Com 70 anos existe a compulsória sair da faculdade, mas continuei jogando tênis e ainda viajando bastante. Mas agora eu sou voluntária do Instituto da Mama<sup>54</sup>, eu trabalho como voluntária em hospitais e explico como se deve fazer o auto-exame da mama que é para evitar que mais gente morra de câncer de mama. Porque câncer de mama hoje em dia se detectado com precocidade, se é maligno tira e tu só não precisa tirar...Fazer uma mastectomia, mas se não era maligno, viu que não era tirou aquilo que está ali ou tratou de uma outra maneira e pronto. Mas o importante é fazer o auto-exame da mama e eu espalho aonde eu ando; nas academias que eu ando por aí eu levo cartazes e vou espalhando e trabalho no Hospital Presidente Vargas. E mesmo lá no Instituto também, a gente trabalha em evento e coisas que é preciso, mas tem que se tirar um curso, um curso de... Que é dado por professores, que é a presidente do Hospital, a Doutora Mara Caleffi<sup>55</sup> e é dado por professores especializados, quem vai fazer parte... Se eu quero, embora eu tenha mestrado,

---

<sup>53</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>54</sup> Instituto da Mama (IMAMA), fundado em 1993, com o intuito de promover, manter e restabelecer a saúde da mama.

<sup>55</sup> O nome correto é Dra. Maira Caleffi, Presidente do IMAMA.

seja professora e tudo mais a gente é tratado como igual, não tem essa de ser mais isso mais aquilo; tem que tirar o curso. O curso que a gente tira lá, que nos dá liberdade de ir com outras companheiras num hospital, numa instituição, num colégio, numa indústria onde nos chamam, isso aí para mim me tem mantido, vamos assim dizer, útil para as outras e para mim.

K.D. - Tu te envolveste em mais alguma causa. Vinculada às mulheres na tua vida respectiva ao esporte talvez?

C.O. - Sim agora eu estou difundindo muito, quando eu vou, eu faço questão de dizer para todo mundo a idade que eu tenho e o que o esporte fez na minha vida, compreende? E difundir o tênis. Eu acho que a minha família toda e mais meus amigos que não jogavam tênis... E toda vez que a gente viaja, a gente conversa com pessoas que vão com outras, vão assistir o tênis. Mas assim, tipo divulgação, eu acho que a maior divulgação que nós fazemos do tênis é esse clube de veteranas de tênis que a gente tem.

K.D. - Por ser mulher tu já enfrentaste alguma dificuldade em especial? Como jogadora de tênis?

C.O. - Absolutamente nenhuma. Nada, nada, nada! A única coisa que existia, vamos assim dizer, no tênis que até a Billie-Jean King que fez e a história do pagamento para as profissionais de tênis que davam sempre menos para as mulheres em dinheiro do que para os homens. Os homens ganhavam muito mais do que as mulheres, ela fez essa reivindicação e atualmente me parece que na maioria dos campeonatos elas ganham a mesma coisa, mas agora dizer assim, por exemplo, que houvesse alguma restrição de entrar em algum campeonato por ser mulher não tem muita mulher, jogando tênis. Hoje em dia, por exemplo, eu fui na África do Sul e nós éramos quatrocentas pessoas jogando tênis. E como é que para jogar tênis mundial, o que é que eu tenho que ter para jogar o tênis mundial: primeiro ser da Confederação Gaúcha de Tênis<sup>56</sup>, segundo da CBT, Confederação Brasileira de Tênis e, terceiro, eu não tenho um *ranking* grande no tênis, mas eu vou jogando os meus brasileiros, vou jogando internacionais, então eu digo que eu jogo não tenho um *ranking* muito grande... Eu tive classificada no ano de 2000 na categoria de

setenta anos; a décima terceira entre sessenta pessoas, sessenta mulheres; mas tu vais dizer, mas então a senhora jogava muito! Não muito, às vezes eu ganhava uma partida num campeonato desses, mas é que como são poucas, a gente já entra nas oitavas de final. Então as oitavas de final já tem pontuação, se ganha uma partida já está nas quartas, já ganha pontuação também. Então o mérito maior, vamos dizer, não é porque eu tenha vencido as partidas, mas porque eu tenho comparecido nas partidas; eu tenho comparecido nos campeonatos, eu gosto de mostrar que eu sou, que eu fui a décima terceira. Então vão dizer: “Ela jogou bem!”. Uma questão de verdade, não é isso, não é por ter jogado tão bem. Pode ter ganhado uma ou outra, mas é uma partida... Não foi assim de chegar a semifinal, uma eu semifinal fiquei uma vez, não sei se contaram ponto ou não porque tirei o terceiro lugar na Áustria. Mas eu não sei se contaram ponto ou não porque a Federação se encarrega de contar os pontos, eu nem mando nada, eu nem mando nada, eu não tenho pontinte. Pontinte é uma doença dos pontos, não tenho, eu faço questão de jogar [risos].

K.D. - Caso traçássemos uma linha entre o tênis feminino quando tu começaste a jogar e hoje, quais as principais diferenças.

C.O. - Olha as principais diferenças é que o tênis progrediu muito. A principal diferença mesmo é que têm muito mais mulheres jogando tênis. Na época nós éramos muito poucas, assim num clube de tênis tinham sete, oito tenistas mulheres jogando tênis. Na minha época, eu até tenho uma fotografia, com Miss Mens<sup>57</sup> que era uma inglesa que dava tênis e de cabelos brancos, que eu joguei tênis com ela não é... Era uma senhora de muita idade e que jogava tênis. Trouxe o tênis de outro país, a Inglaterra, e ela jogava tênis; eu devo ter fotografias com ela são muito interessantes, de maneira que eram muito poucas que jogavam tênis.

K.D. - Algum motivo em especial?

C.O. - Não! O motivo acho que era a educação né. Eu tenho impressão que até... Talvez até a natação também tinha tido pouca gente na época; os esportes coletivos também, a gente jogava na escola o voleibol, não sei se vocês não tem a mãe ou alguma pessoa da

---

<sup>56</sup> Provavelmente está se referindo à Federação Gaúcha de Tênis.

<sup>57</sup> Nome sujeito à confirmação.

família que conte para vocês. A ginástica não era feita para mulher, praticamente a mulher foi aos poucos obtendo seu próprio lugar, então a medida que a mulher foi entrando no tênis, foi levando daqui a pouco; mãe levava os filhos, então hoje em dia já somos uma família enorme de gente, mas na época não tinha restrição para entrar e jogar não tinha, bastava ter mulher, nunca senti restrição nenhuma eu me lembro que a Maria Ester Bueno<sup>58</sup> que teve aqui a pouco tempo... Que nós fizemos até os vinte e cinco anos, ela veio aos vinte e cinco anos... Maria Ester Bueno tu conheces, foi a nossa grande campeã de Wimbledon<sup>59</sup> e ela foi para a Europa sem nada mais do que a raquetinha em baixo do braço, pagando as suas próprias custas não se tinha patrocínio. E daí ela começou a jogar, jogar, depois teve treinadores essa coisa toda com o passar do tempo, ela tem duzentos e cinquenta vestidos de tênis que ela guarda até hoje, que ela guarda e ela diz que é, que são todos bordados cheios de pedras, coisinhas assim que antigamente se usavam.

K.D. - Deve ser muito interessante!

C.O. - É muito interessante.

K.D. - Tu tens guardado o teu material?

C.O. - Eu tenho guardado aqui o primeiro conjunto de como é que se chama, eu vou dizer em inglês: *jogging*, como é que se chama abrigo. O primeiro abrigo eu tenho do Juvenil, guardado até hoje, não dei para ninguém, e estou louca para me meter dentro dele, tirar uma foto e aparecer lá no Juvenil com o primeiro abrigo do juvenil azulzinho, eu tenho até hoje.

K.D. - A mídia, os jornais da época davam apoio ao tênis?

C.O. - Davam muito apoio. Tu sabes que tinha como é o nome dele na Folha da Tarde<sup>60</sup>, há! Me esqueci do nome dele, que pena, mas ele dava muito apoio a todos os esportes e

---

<sup>58</sup> Maria Esther Bueno, tenista que na década de 60 foi uma das precursoras no estilo força do tênis feminino.

<sup>59</sup> Referindo-se ao Torneio de Wimbledon, considerado o evento mais importante do tênis mundial.

<sup>60</sup> Jornal Folha da Tarde.

saía, assim, crônicas grandes do tênis e hoje em dia sai uma coisinha pequeninha dos torneios internos, mas ele não dava muito interesse aos torneios internos aos torneios dos clubes e dava descrição de uma partida... Eu me lembro que eu joguei uma partida com a minha cunhada, que jogava muito bem o tênis, e eu joguei com ela e ela me ganhou, o primeiro *set*; eu ganhei o segundo *set* dela, no terceiro *set* eu estava ganhando de cinco a zero: quarenta, quinze - vocês sabem a pontuação do tênis - faltava uma bolinha para eu ficar tirar o campeonato dela de campeã e ela me deu uma bola de direita, assim, que eu estava na rede não é; ela me deu uma passada, como se chama, eu não consegui pegar eu disse para mim mesma: quem perde um ponto pode perder uma partida, eu me derrotei, eu perdi a partida, isso saiu no jornal, eu tenho guardado .

K.D. - Que maravilha!

C.O. - É! Saiu esse - como era o nome dele - era De Rose<sup>61</sup>, se não me engano. O nome dele, não é e esse que está na COI<sup>62</sup> agora e que foi meu aluno na Faculdade de Medicina. Esse que está na COI, o Eduardo de Rose<sup>63</sup>, foi meu aluno na faculdade e é da Olimpíada; ele que faz os exames *anti-doping* .

K.D. - Isso!

C.O. - Ele é um dos primeiros do mundo, se não me engano... Túlio de Rose, não sei se era pai ou tio dele que fazia...

[FINAL DA FITA 21/01-B]

C.O. - E hoje em dia o tênis não está, não sai... Muito raro, agora sai o do Guga!

K.D. - Sai?

C.O. - Assim o do Guga que é... Também, depois de tirar três campeonatos em Roland Garros, e ser um grande campeão como ele é. Infelizmente perdeu, perdemos agora a Copa

---

<sup>61</sup> Túlio de Rose, jornalista esportivo

<sup>62</sup> Comitê Olímpico Internacional.

Davis que eles tiveram. Agora o Guga perdeu... O Guga joga com o do Magnus Normann e perdeu. O Guga no quinto “set” e botaram o Flávio Saretta para jogar a quarta partida e deixaram... Até a pergunta saiu hoje no jornal, se vocês chegando em casa lerem... Saiu: não se sabe porque não botaram o Andre Sá, que jogou uma ótima dupla e joga muito mais que o Flávio Saretta... Nós acabamos perdendo a Copa Davis, essa parada aí, mas do Guga sai muito. Agora dos campeonatos que a gente faz fora, não. Agora uma coisa interessante: tem esses campeonatos que eu joguei, por exemplo, na Hungria e na Áustria, eles dão diplomas para a gente... Então eu tenho um diploma todo escrito em húngaro e eles botam o segundo lugar... Eles não escrevem segundo, eles só botam o número dois, porque a numeração é universal. Interessante, só tem dez algarismos e com esses dez nós conseguimos... Eu consigo te dizer a minha idade, dizer para qualquer pessoa do mundo a idade que eu tenho. Se eu escrever 81 em arábico todo mundo sabe; e nós com tanta língua fazendo uma confusão não se consegue entender.

K.D. - Durante a tua carreira tu assumiste algum cargo com dirigente, organizadora?

C.O. - Não, eu só sou do clube do Leopoldina Juvenil. Eu faço parte do Conselho do Leopoldina Juvenil há muitos anos, não sei uns três ou quatro anos... Conselho do clube, fazendo parte do Conselho eu defendo o tênis até as unhas![risos]

K.D. - Qual a tua visão sobre a estruturação do esporte “master” no Rio Grande do Sul, hoje?

C.O. - Do “máster”? De homens ou de mulheres, de todos enfim em geral. A minha visão é a seguinte: eles são muito bem pagos, não é! Eles até dizem, tem uns que dizem que ganham demais e outros com Caff Ornicoff<sup>64</sup> dizem que são mal pagos, então o Agassi<sup>65</sup> disse que ele está fora disso, ele não quer entrar, os tenistas acham que são mal pagos. Pelo contrário, eles são *milionários*, eles ganham muito dinheiro, basta ver o Guga a quantidade de dinheiro que ganha. Mas, de uma maneira geral, eles são muito desprendidos, eles formam academias, eles dão dinheiro para creches, eles fazem isso, eles fazem aquilo, eles são muito desprendidos. Agora eu acho ótimo esse “máster” de tênis, que existe, esse

---

<sup>63</sup> Eduardo Henrique De Rose.

<sup>64</sup> Nome sujeito à confirmação.

ATPTUR, por exemplo! Por que eles vão jogando esses campeonatos para chegar aos grandes “slam”, que são os maiores campeonatos que tem. É o campeonato da Austrália, depois tem campeonato de Roland Garros, o campeonato de Wimbledon, o campeonato dos Estados Unidos. São quatro grandes campeonatos que tem e esses são chamados grandes “slam”. Então muitos poucos, e acho que só o Robert Leneir<sup>66</sup>, foi o que conseguiu em um ano só tirar esses quatro campeonatos; eu acho que é uma grande coisa ter esse “máster”, inclusive, tem o “Qualify”. O “Qualify” é um torneio qualitativo que pega esses meninos que estão jogando pelo seu próprio país não é, e que estão mostrando bons tenistas; então, como eles estão sendo bons tenistas...Essa CBT tem toda essa classificação deles, eles depois conseguem, com esses resultados, eles conseguem entrar para o classificatório dos grandes torneios da ATPTUR dos “máster”! Então, isso aí eles é uma grande coisa. Eu acho bom. Alguém te falou contra?

K.D. – Não! Não!

C.O. – É que realmente são... Eu acho muito bons, depois divulgam muito o tênis; passa muito na televisão, agora o tênis passa muito na televisão só não passa, por exemplo, o brasileiro. Passou o último brasileiro que eu joguei em Angra do Reis, passou na televisão, é até foi muito interessante que teve um tenista nosso o [palavra inaudível] que tem 86 anos e foi vice-campeão de lá. E a Amélia Coury<sup>67</sup> que na idade dela, tem menos idade que eu, mas me ganha com a maior facilidade. Ela é “choffer” de táxi em São Paulo e é várias vezes campeã brasileira e ganhou muitos campeonatos aí fora também.

K.D. - Tem algum apoio para o esporte, para o tênis, nessas categorias de terceira idade, eu diria?

C.O. - Terceira idade? Agora está fazendo um intercâmbio com a ESEF<sup>68</sup> e o Clube Juvenil para incentivar o tênis para as classes menos favorecidas e para a terceira idade. É a primeira vez que eu ouço falar.

---

<sup>65</sup> André Agassi.

<sup>66</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>67</sup> Referindo-se à tenista paulistana Amélia Cury, que é taxista na cidade de São Paulo.

<sup>68</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio grande do Sul.

K.D. - Tu crês que o esporte ténis seja de elite?

C.O. - Foi considerado de elite por muito tempo, agora está se divulgando mais, nós temos a felicidade de termos em Porto Alegre, três quadras de ténis gratuitas. No Marinha do Brasil<sup>69</sup>, eu inaugurei umas quadras de ténis, fui convidada para inaugurar, bater bola lá nas quadras, não sei se desmancharam mas tinha duas quadras de ténis no Marinha do Brasil. E o Internacional<sup>70</sup> tem quadras de ténis, então, quer dizer, está chegando mais às massas. Mesmo porque esses que foram grandes jogadores, estão fazendo um... Estão se doando voluntariamente para ensinar as crianças menos favorecidas e dando raquetes. Aqui, tu conheces a Praça Montaury<sup>71</sup>? De frente à Caixa D'Água? Têm três quadras de ténis e é aberta ao público, não paga nada. E lá eles ganham raquetes; eu, por exemplo, ganhei três raquetes de presente do Instituto Espírita Dias da Cruz, que eles ganharam três raquetes, não sabiam o que fazer com a raquete e souberam que eu jogo ténis e me deram as raquetes e eu dei ali para essa pracinha. E seguidamente quando me sobram bolas eu vou lá e dou bolas e isso muita gente faz. E é gratuito, não se paga nada. E é mantida pelo Município.

K.D. - Na década de 50, 40, o ténis era de elite?

C.O. - Era um ténis considerado de elite porque era um esporte caro. É um esporte caro, tu tens que, por exemplo, tinha que ser sócio de um clube. Não tinha... Eu não sei quanto tempo... Olha aqui, a minha filha tem cinquenta anos, ela é médica... Há cinquenta anos atrás eu acredito... Ela brincava ali naquela pracinha do ténis. Eu não me lembro se já tinha ténis ou logo em seguida foi feito, porque eu me lembro que eu joguei ténis ali e jogo até hoje, de vez em quando. Se eu quiser eu vou lá jogar, é mais perto vou a pé. Tem paredão, tem tudo... Tem professores da ESEF dando aula lá. As aulas são dadas pelos alunos da ESEF, pelos professores formados pela ESEF. É gratuito... É muito raro isso, não é todo lugar que tem lugar para jogar e aqui tem três quadras à disposição. São quadras de saibro<sup>72</sup>. Lamento que não exista em Porto Alegre, quadras duras, porque à medida que os tenistas vão progredindo, vão ter que jogar em quadra dura. Eu já joguei em quadra dura,

<sup>69</sup> Parque Marinha do Brasil, criado em 24 de novembro de 1967.

<sup>70</sup> Sport Club Internacional, fundado em 4 de abril de 1909.

<sup>71</sup> Parque Tenístico, localizado na Praça José Montaury.

<sup>72</sup> Quadra feita com argila misturada com areia e pedras.

quadra de grama, quadra de saibro, de carpete, mas aqui em Porto Alegre, só tinha quadra de saibro. E eu joguei em quadra dura, às vezes, em quadras de amigos que tem de cimento. Aqui no Clube Juvenil tinham duas quadras duras que depois foram desmanchadas, o que eu acho uma pena. E não existem quadras duras para treinar. Em Santa Catarina sim, devido ao Guga. Mas eu acho que em muita parte... Na praia existem quadras duras. Eu até fui a Xangri-lá<sup>73</sup>, tem três quadras de piso sintético, ou cimento e duras. É que faz falta a gente aprender nessas quadras porque é um campeonato que os meninos tem que aprender porque por aí fora no mundo tem quadras duras e de carpete, quadras “in-door”, quer dizer fechadas, mas aqui tem. No Uruguai não tem nenhuma quadra fechada, eles não tem nada fechado, se chove é uma calamidade continuar um campeonato, aqui tem. Só no nosso clube tem cinco – não, tem quatro. Quatro quadras fechadas e agora todos os clubes daqui tem: SOGIPA<sup>74</sup> tem, União<sup>75</sup> tem, Clube do Comércio tem quadra fechada, e faz muita falta isso. Eu acho que é uma pena... Eu acho que a SOGIPA tem quadras duras agora também. Clube do Comércio, não sei, União também não sei, mas na SOGIPA parece que tem umas quadras duras. Esses meninos precisam treinar em quadras duras, agora faz muito mal para a gente, porque é um impacto muito grande e outra coisa é que você não corre deslizando. Você, por exemplo, quando corre... Essa aqui é minha companheira está comigo há cinqüenta e quatro anos, vai fazer cinqüenta e cinco, o nome dela é Maria<sup>76</sup>... Ela está comigo há cinqüenta e quatro anos, não é Maria? Quem é que lavava minhas roupas de tênis? Quem é que lavava minhas roupas de tênis?<sup>77</sup> Sempre ela, ela lavava, passava. Hoje em dia tem máquina. Agora é a outra que passa. De vez em quando tu ainda passas alguma coisa.<sup>78</sup>

K.D. - Cloé, mais respectivo ao tênis feminino mesmo, tu vês avanços ou retrocessos de quando tu começaste a praticar até hoje?

C.O. - Eu vejo avanços, eu vejo avanços no tênis. Inclusive aqui, em toda parte que a gente anda, tem muito mais mulheres jogando tênis. E é um esporte que todo mundo acha

<sup>73</sup> Cidade Litorânea do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>74</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

<sup>75</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

<sup>76</sup> A Sra. Cloé conversa com Maria por alguns instantes.

<sup>77</sup> Maria responde, ao fundo, que era ela.

elegante. As mulheres que são vaidosas, na realidade, a maioria... A gente tem que ter um pouco de vaidade eu acho, faz parte, um pouco de vaidade pessoal e cuidado pessoal, isso é uma realidade. Eu sempre digo, quando eu vou nos hospitais, eu digo assim: “Quem é que gosta mais de vocês?” E elas ficam assim e tal e eu digo “Tem que ser vocês!” A gente tem que gostar mais da gente, não é? Então eu acho que tem evoluído o esporte feminino, mas muito! Hoje nós temos grandes jogadores de tênis, não no Brasil. No Brasil não tem evoluído o tênis feminino, eu não sei porque não tem evoluído... Chega na adolescência, também os homens, os rapazes chegam na adolescência, embora sejam ótimos jogadores de tênis, aquilo... Para ficar no tênis tem que gostar muito de tênis, porque é muito sacrificado, é muito sacrifício, tem que treinar muito, treinar muito, treinar muito, treinar muito para ser um dos bons. Não vê o que o Guga faz? Vive viajando, vive jogando, vive jogando, quer dizer, não tem um momento dele. Por exemplo, quando a gente vai viajar jogando tênis, é que vê. Se tu não tiras mais uma semana, coisas que os profissionais às vezes não podem fazer, mas um amador pode, ao invés de ficar uma semana só num lugar lá jogando tênis, faz quinze dias. Aí tu podes ver o lugar onde tu estás jogando, dentro do contrário, tu ficas dentro de um clube de tênis ou da cidade que tem o clube de tênis. Ficas por ali, não sai dali. Então, o que eu quero dizer, é que isso é uma das causas que eu acho, assim, negativa. São muitos torneios, um em cima do outro, tanto para mulheres quanto para homens. Deveria ser um pouquinho mais espaçado para deixar eles respirarem um pouco, né. E o esporte amador a gente tem que pagar tudo. Mas eu não sei se é por isso que o nosso tênis não se desenvolve, porque os clubes não têm dinheiro para mandar os seus melhores tenistas e os patrocinadores, às vezes não querem botar tanto dinheiro em cima de um tenista, do que um camarada que joga bem “futsal”, voleibol, que é um esporte de massa. Tenho essa impressão, que é por isso que o nosso tênis não progride, por falta de patrocinadores. E é caro!

K.D. - Como foi vista por ti a proibição de certos esportes para as mulheres em 1941?

C.O. - Que tipo de esporte?

K.D. - Lembras que teve um Decreto-Lei que não permitia as lutas, o futebol para as mulheres, isso repercutiu na sociedade, no teu meio de convívio de alguma maneira?

---

<sup>78</sup> Maria confirma e pede licença para se retirar.

C.O. - Foi proibido? No meu meio de convívio não! Na minha família, dentro das minhas amizades não tinha ninguém que quisesse se sobressair, por exemplo, em luta, em boxe e em luta corporal e em fisicultura, essa coisa toda da fisicultura, fisiculturismo, não tinha ninguém. Mas a gente não olhava assim, com muito bons olhos aquela que praticavam aquele tipo de esporte, pareciam mais masculinizadas. Mas assim, o voleibol, por exemplo, a gente praticava e eu não achava discriminação no voleibol. Não tinha ainda muitos clubes que faziam voleibol, mas no colégio a gente jogava voleibol, jogava caçador que na época era muito comum, não sei se vocês chegaram a jogar. Era uma bola que a gente atirava para matar o outro assim e tal. Então quer dizer assim, nessa época tinha... Futebol de jeito nenhum, as meninas não jogavam no recreio, não tinha futebol para as meninas. Meninos tinham futebol e voleibol, as meninas não jogavam. Não era jogo para menina, o futebol. Eu não me interessava muito, eu jogava com os meus irmãos em casa, tinha que ser goleira, porque eram quatro, eles botavam eu e meu irmão mais moço, e os outros dois jogavam na linha, mas eu tinha que jogar no gol. Então eu ficava como goleira, mas louca para chutar uma bola! Mas eu ficava de goleira, é que eu fui criada com três irmãos, muito esportivos todos eles. Embora um deles gostava de um violão e cantava bem [risos], mas é isso aí. Quer dizer que, na época a gente não... Aquele negócio de fazer... Hoje em dia... Imagina se uma mulher, naquela época, fosse fazer musculação que nem eu faço hoje. Não ia fazer. Eu faço a musculação por indicação médica, não porque eu queira ficar sarada, vamos dizer, não é por isso, eu faço por indicação médica, para não me machucar, para não ter aquele problema nos ombros. Para não ter isso, para não ter mais aquilo, então, eu faço a musculação por isso. Eu faço exercícios, para ter... É por isso que eu faço musculação, tudo dentro da sua medida. Quando eles me botam mais uma plaquinha eu olho: “O que vocês tão botando aí?” É vinte quilos. “Pode tirar. Eu quero me manter bem, mas não em excesso”. Faço a esteira antes de fazer a musculação. E caminho muito, caminho muito e as minhas refeições são bem feitas. Eu, por exemplo, faço um café da manhã que a minha filha quer filmar [risos] O que vocês comem no café da manhã?

K.D. - Eu preciso tomar café da manhã...

C.O. - Famoso café da manhã, nós chamamos café da manhã, seria desjejum a palavra certa.

K.D. - O meu é banana com granola.

C.O. - E tu?

L.M. - Café com leite.

C.O. - Café com leite [ruído de telefone].

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

C.O. - Eu como uma laranja inteira, com aquela pele branca. Um mamão, depois eu tomo um chá sem açúcar, como uma fatia de pão “light” e queijo sem sal e um pouquinho de goiabada que a Maria faz. [palavra inaudível] Como tudo isso de manhã. No almoço, eu como sempre uma salada de verduras, tomate, e faço maçã, passa de uva, chuchu para não botar batata, chuchu e cenoura crua. E um pedacinho de peito de frango sem pele. Isso é diariamente, não quer dizer que eu não coma carne umas duas ou três vezes por semana. Porque o médico me recomendou. E de noite: eu tomo um copo de leite de soja e um sanduíche de galinha com aquele queijo e tomate. É o que eu faço, as minhas refeições. Fora disso, dou graças a Deus por eu não gostar muito de doce, como muito pouco doce, muito pouco mesmo [palavra inaudível] Até nem como quase nada. E então, a minha refeição é isso aí: como feijão com arroz às vezes no almoço, para não deixar de comer cereais, que é a nossa base do triângulo. É a minha refeição e me mantenho nesse peso de cinquenta e cinco quilos, que eu acho que está bom para mim, nem tão magra, nem tão gorda.

K.D. - Tu fizeste alguma orientação alimentar para o tênis mesmo?

C.O. - Não, eu tenho do meu médico que cuida de mim há doze anos. Que ele me orienta na alimentação, me tira as gorduras, as frituras e me recomenda que eu coma peixe, galinha, essa coisa toda. Carne branca, mas também me recomenda que eu não deixe de comer de vez em quando carne vermelha. Mas eu tenho livros que eu leio e, como bioquímica, eu também tenho, mas eu leio os livros e sei o que se come o que se deve comer e pratico meu esporte, dou uma nadadinha de vez em quando também. E a

alimentação é isso aí... E muita água, muito líquido, não gosto de Coca-cola, raras vezes tomo Coca-Cola. Eu tomo suco e eu tomo leite de soja há mais de trinta e tantos anos. Gosto muito. Tem agora o suco Ades, não sei se vocês já ouviram...

L.M. - Já, já, ouvi!

C.O. - Esse suco é feito com soja ao invés de leite. Eu passei a tomar soja pelo seguinte: me falta uma enzima que a lactase, da fisiologia e bioquímica, a lactase que desdobra a lactose do leite. E eu comecei a ter cólicas e diarreia por causa do leite, e eu não podia tomar mais leite. Bom, e eu vou ficar sem tomar cálcio? Como é que eu vou fazer? Porque que eu posso comer queijo? Porque quando se faz o queijo o soro sai fora. Com o soro sai o açúcar do leite, então o queijo eu como à vontade. Só não como queijo gorduroso, mas o queijo eu posso comer à vontade, não me faz mal nenhum.

K.D. - Bom, só tenho a agradecer...

C.O. - Esse monte de coisa que eu contei e quero que vocês... Não pensem que, por exemplo, por jogar tênis, que eu fique dizendo assim, que eu sou elitizada, e que sou uma mulher... Até contei para vocês que eu não sou uma grande campeã, eu jogo meu tenisinho por prazer, por que gosto de jogar tênis, porque me faz um bem [risos] extraordinário. Tu vê, agora já, essa que me telefonou tem quarenta anos. Quarenta e poucos anos, elas me telefonam para jogar comigo. A Fátima Krueel, não sei se vocês conhecem, é uma grande jogadora de tênis, me convidou uma vez para eu jogar dupla com ela em um campeonato. Sabe que ela não pode jogar a minha categoria, eu é que tive que subir para a dela, para jogar com ela. Nós ficamos vice-campeãs, na vez que nós jogamos. Então eu, veja bem, eu jogo por prazer, e jogo com qualquer pessoa, até tem gente que joga, como essa menina que me telefonou “Ah, mas é uma mala!” Mala, mala... Sabe o que é mala? Mala é que não, que a gente tem que carregar. Então “Ah, mas é uma mala!” Não é nada, já está jogando direitinho, então eu digo: “O que é tem? Vamos jogar com ela, o que é que tem?” Joga uma mais forte com ela e eu com outra mais ou menos. Olha, jogamos uma ótima partida semana passada, agora ela está louca para jogar, me liga, me convida por telefone para jogar. Marquei a quadra, tal a foto. Mas eu acho que o tênis, com essa minha amiga que é surda, que agora tem um problema de equilíbrio, ela fica pedindo por Deus e o

mundo que eu jogue com ela de manhã porque ninguém joga com ela. Ela foi uma grande campeã, mas depois que ela não joga mais o que ela... Eu tenho que dar a bola na mão dela, na mão, para ela poder jogar. Então, eu acho assim, que tênis é uma confraternização, é uma maneira de vida, é uma alegria permanente você estar no meio dos amigos. Tem aquela disputa no tênis, mas você viu como é que terminou, não sei se vocês chegaram a ver a partida que terminou com aquele marroquino e o menino americano, que eu chamo de Menino Maluquinho<sup>79</sup> porque ele tem aquele jeito de Menino Maluquinho.

L.M. - Não, não vi, essa não vi.

C.O. - Mas tu precisavas ver no final se abraçaram os dois, isso em um campeonato que vale dinheiro, que é um campeonato que vale muito em dinheiro e em pontos. Eles se cumprimentaram mutuamente, ali não houve vencedor. Os dois foram os vencedores. Porque foi uma partida excepcional, e é isso que o tênis traz para a gente, uma educação, o esporte educa. Isso é bom que tu botes embora não esteja escrito aqui, tu não estas mais gravando?

K.D. - Estou.

C.O. - Ah, está. O esporte nos educa compreende, nos faz a gente Ter respeito do adversário. Quer dizer... E saber perder uma partida é mais importante do que saber ganhar! E tem uma coisa que se diz em francês que quer dizer: o medo de ganhar, acontece muito com quem joga tênis. Como aconteceu comigo várias vezes. Eu estou por uma bola, duas, três bolas para ganhar aquela partida, eu vou ganhar dessa que joga muito mais do que eu, ah! Me dá um nervoso e não ganho. E isso acontece nas pessoas. A gente tem que se reeducar também que estou fazendo. Porque tem um grande livro que se chama “O Jogo Interior do Tênis”; esse jogo foi escrito por um tenista, que resolveu se perguntar a si mesmo porque que ele errou em uma bola de voleio. Bola simples, que ele ganharia o ponto. Então ele começou a pensar, viajou muito, andou lá pelo Himalaia<sup>80</sup>, não sei mais aonde... Começou a pensar e viu quantas coisas faltava para ele, principalmente, a

---

<sup>79</sup> Fazendo referência ao personagem Menino Maluquinho, criado pelo escritor Ziraldo.

<sup>80</sup> É uma cordilheira entre a China e a Índia, no continente asiático, estão as maiores montanhas do planeta

concentração. A concentração e a alegria de jogar, tem se ter alegria para jogar, ter alegria no que a gente faz, no trabalho. Eu ia para a faculdade com prazer para dar aulas, ia para a faculdade com prazer para estudar. Quer dizer, quando eu lecionava no primário, eu inventei coisas para eles, caçador... Eu dava pontos para eles para o jogo de caçador, pontos na matemática, pontos no português, distribuía taças para os campeões, tanto em matemática como em... Eu fazia, quer dizer, eu já tinha esse espírito de esportividade. Eu acho que isso o tênis dá, nos faz a gente ficar uma elite em educação, não uma elite social, mas uma elite em educação. Porque eu distingo as pessoas assim: entre mal educadas e bem educadas. As mal educadas precisam entrar no bom caminho da boa educação. E as bem educadas têm obrigação de conviver com essas mal educadas para [palavras inaudíveis] Eu não divido classe social com classe social, raça com raça, isso aí acho uma besteira muito grande, é uma coisa idiota. E eu acho que se a gente conseguir uma vez que é muito difícil a gente não ser egoísta, o mundo seria tão melhor! O egoísmo faz parte da nossa defesa pessoal. Nós temos que saber dosar esse egoísmo e eu acho que isso aí é uma grande coisa. Saber se doar, isso aí é muito importante. Por isso que eu acho que o esporte nos educa. Saber perder, estender a mão para aquele que ganhou. Isso é muito importante. Eu acho que isso é que falta no futebol. Dá uma vontade de ir lá nesses clubes de futebol fazer uma palestra com eles. É verdade, porque só dão canelada, só se machucam... Teve um, ontem, que deu uma cabeçada no outro. O goleiro do Grêmio<sup>81</sup> deu uma cabeçada no juiz. É isso aí.

K.D. - Mais uma vez muito obrigada...

C.O. - O que for bobagem tu tiras fora...

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>81</sup> Grêmio Foot-ball Porto-Alegrense, fundado em 15 de setembro de 1903.